

TRANSCRIÇÃO PORTUGUESA DE UM FONEMA TUPI

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Por que as palavras portuguesas de origem tupi, nas quais há o fonema **s**, são grafadas com **c**, **ç** e não com **s**, **ss**? Sejam exemplos **Ceará**, **Ceraíma**, **Cemoaba**, **cipó**, **ciricica**, **igaçaba**, **piracema**, **jacina**, **pagoca**, **muriçoca**, **Iguaçu**. Será que foi tão-só por uma convenção, como, p. ex., **sapato**, em vez de **çapato**, **sujo**, em lugar de **çujo**?

Os vocábulos tomados de empréstimo a qualquer língua, se têm os "mesmos" fonemas do idioma que os acolheu, são reproduzidos assim, "grosso modo", sem modificação.

E quando os fonemas são desconhecidos, vêm a ser reproduzidos com adaptação: Acham-se neste caso os exemplares: árabe **attahona** > port. **atafone**, alemão **Kuchen** > por. **cuque**, italiano **ciarlare** > port. **charlar**, francês **purée** > port. **purê**, **pirê**, grego **phá-telos** > **faselus**, ao lado de **phaselus**, grego **chártes** > lat. **carta**, ao lado de **charta**, grego **theios** > lat. **tius**, ao lado de **thius**, etc.

Ora, quando o tupi do litoral, tupi antigo, foi transscrito pelos primeiros missionários e pelos demais que o estudaram, fizeram-no com relativa perfeição. O Pe. José de Anchieta, p. ex., na sua **ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL**¹, (1995), transcreve com **c** e **ç** em vez de **s** (surdo): "Em lugar do **s**, in principio, ou medio dictionis serue, **ç**, com zeura, vt **Açô**, **çatâ**" (cap. I, p. 1). E medial: **ndaçôi**, **çarã**, **çára**, **teçá**, **xêci**, etc. ("passim"). No cap. II, p. 5, esta nota: "Ce, Ci, hão se de pronunciar, como que tivessem zeura como no Portugues, cera, cidra, vt **acêm**, **acic**". Em outras obras do Pe. Anchieta observa-se a mesma transcrição. P. ex., n' **O AUTO DE SÃO LOURENÇO**, peça teatral: **çerá**, **caugoçaú**, **Araçatiba**, etc.² Das **POESIAS TUPIS** (séc. XVI) atribuídas ao citado catequista: **porace:**, **ayucei**, **cerapoã**, **cic**, **mboeçara**, etc.³

¹ ANCHIETA, José de. Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Ed. facsimilar. São Paulo, Ed. Anchieta, 1946. 58 f.

² BARBOSA, A. Lemos. O Auto de São Lourenço: uma peça teatral de Anchieta em tupi, castelhano e português. Verbum, 7(2):201-47, jun. 1950.

³ MARTINS, M. L. P. Poesias tupis (séc. XVI). Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n.º 51, 1945.

De um artigo do Pe. Serafim Leite, S.J. com o título **LEONARDO DO VALE, AUTOR DO PRIMEIRO "VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA"** (1591) extraio, entre outros, estes exemplos que aquele historiador menciona: **Jupuguàçuqueçaba, igçaua, çupia, itaciba, uça, ciri**⁴.

No **CATECISMO NA LÍNGUA BRASÍLICA** do Pe. Antonio de Araújo (reprodução fac-similar da 1.^a edição, 1618) há símiles exemplos: **xepoçang, recê, çaauçubi pira çogê**, etc.⁵

No **VOCABULÁRIO DA LÍNGUA BRASÍLICA**, ano de 1621 são encontradiços **çupe, abarêguacú, teçâ, coece**, etc.⁶

Na **GRAMÁTICA DA LÍNGUA DO BRASIL**, fac-símile da edição de 1687, do Pe. Luís Figueira: "Fição excluídas, F, L, S, Z" (p. 1), e na p. 2 as transcrições **aiucéi**, "desejo comer", **açepùi**, "borrifo" (v.), "borrifo" (v.), **açaçub**, "amo" (v.), **çapyu**, "ele abrasa", etc.⁷

No **CADERNO DA LÍNGUA ou VOCABULÁRIO PORTUGUÊS — TUPI** de Frei João de Arronches (manuscrito de 1739), dado à luz em 1795: **truruçu, teçá, coecé, çobá, çupi, cetá**, etc.⁸

No **DICIONÁRIO PORTUGUÊS — BRASILIANO E BRASILIANO — PORTUGUÊS**, "reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.^a parte até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa": **coaracy, turuçu, çobâ, ceçâ**, etc.⁹

No **VOCABULÁRIO PORTUGUÊS — BRASÍLICO** ("copiado em Piratininga em 1621"): **çupe, ereçó, guáçu, çai, cebâê, açoiaâba**, etc.,

4 LEITE, Serafim. Leonardo do Vale, autor do primeiro "Vocabulário na língua brasílica". *Verbum*, 1(1):18, 1944.

5 ARAUJO, Antonio. *Catecismo na língua brasílica*. Reprod. facsimilar de 1^a ed., 1618. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1952. 179 f.

6 VOCABULÁRIO na língua brasílica. 2.^a ed. rev. por Carlos Drumond. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP* n.º 137; *Etnografia e tupi-guarani* 23, 1952. v. 1.

7 FIGUEIRA, Luís. *Gramática da língua do Brasil*. Facsímile ed. 1687. Lípsia, J. Platzmann, 1878.

8 AYROSA, Plínio. O Caderno de língua ou Vocabulário Portuguez-Tupi de Frei João de Arronches, 1739: notas e comentários à margem de um manuscrito do sec. XVIII. *Revista do Museu Paulista*, 21:49-322, 1937.

9 AYROSA, Plínio M.S. Dicionário português-brasiliiano e brasiliiano-português. *Revista do Museu Paulista*, 18:17-322, 1934.

10 AYROSA, Plínio, ed. *Vocabulário português-brasílico*. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP* n. 135; *Etnografia e tupi-guarani* 21, 1951. 113 p.

embora "não raro aparecem na mesma linha, grafados diversamente: **guaçá** e **goasá**..."¹⁰

Não é preciso juntar mais provas; as apresentadas aqui são bastantes para justificar que não se trata de convenção desprovida de base, mas assenta-se na reprodução relativamente perfeita do tupi elaborada pelos missionários.

A representação gráfica **c** (ce, ci), **ç** apoia-se, de modo inconteste, na articulação de um fonema tupi, uma africada sibilante surda, mais ou menos equivalente ao "theta" grego, ao espanhol, graficamente representado por **c** (ce, ci) **z**, ou ainda mais ou menos equivalente ao inglês **th** em vocábulos como **third**, **truth**, etc. Ora, sucede que também no português arcaico havia esse fonema, símile ao **ç** tupi, e fazia-se, portanto, distinção entre **c** (ce, ci), **ç** e **s** (ss). Eram dois fonemas diferentes, e a voga daquele se estendeu até ao decurso do século 16, embora não estejam concordes os estudiosos quanto ao tempo no qual se dera confusão com **s**, e consequente desaparecimento da articulação interdental fricativa.¹¹ Assim é que se justifica a grafia etimológica de **ceio** e **seio**, de **cisco** e **silvar**, de **maça** e **massa**... E, de acordo com a etimologia, devia-se manter a grafia arcaica **çujo**, **çapato**, que, arbitrariamente, são escritos **sujo**, **sapato**, pelo princípio estabelecido em todos os sistemas ortográficos que houve em Portugal e no Brasil, de que nenhum vocábulo devia começar por **ç**. Esse princípio tinha a seu favor o desaparecimento da distinção entre ambos os fonemas, e, coerentemente, devendo-se dar preferência a **s** (ss) ou a **c** (ç).

Mas é expressivo que a distinção entre esses fonemas ainda se faz em Portugal, segundo o testemunho de J. Leite de Vasconcelos: "Na raia transmontana, como na do Minho e da Beira e ainda em algumas regiões do interior, o povo distingue a pronúncia de **s** (ss) e **ç** (c + e, i)... Tal distinção de pronúncia observa-se também

¹¹ V. Carolina M. de VASCONCELOS. *Lições de filosofia portuguesa*. Lisboa, Rev. de Portugal 1956 p. 17 e 406: "A pronúncia de **c** era **ts**: fim do séc. 15 ou princípio do 16 (p. 401). "O **s** é diferenciado do **ç** ao sul do Tejo no séc. XII" (A.R. GONÇALVES VIANA. *Revista Lusitana*, 2:332-8...) "Já no séc. 13 foi, ao menos ao sul de Portugal, **ts** simplificado em **s**, conforme se supõe pela escrita de **s** em vez de **c**" (J. HUBER. *Altportugiesisches Elementarbuch*, §222, nota). Para E. BOURCIEZ **rs** (**c** + **e**, **i**) do período romano foi reduzido a **s** em português só pelo séc. 15. (*Éléments de Linguistique Romane*. Paris, Klincksieck, 1956. p. 406.) A primeira Gramática da Língua portuguesa, de Fernão de OLIVEIRA, faz distinção entre **c** (e, i) e **s** (3. ed. dir. Rodrigo Sá Nogueira. Lisboa, 1933. p. 35 e 36). Igual distinção faz João de BARROS, cuja segunda gramática lusa, em ordem cronológica, data de 1540 (Gramática da língua portuguesa. 3. ed. org. José Pedro Machado. 1957, p. 62 e 65.)

na língua antiga de todo o país; funda-se em razões etimológicas... As confusões fonéticas de que falo começaram, termo médio, pelo século XVI".¹² E o mesmo A. em outra obra: "Sur la frontière d'Entre-Douro-e-Minho, de Trás-os-Montes et de la Beira, et même dans quelques endroits de l'intérieur du pays, l'ancienne distinction se maintient entre *ç...* et *s...* initiaux et intervocaliques... Dans les autres localités de provinces ci-dessus mentionnées, exception faite de Porto, Lamego et autres villes importantes, *ç* et *s* ont été remplacés respectivamente par *s* (*ss*)..."¹³

Ora, Anchietas e os demais ao ouvirem, portanto, o som, aqui representado por *ts*, da língua tupi, registraram-no mediante *c*, *ç*, de acordo com o português da época. De outro modo teriam usado *s*, *ss*.

Seria interessante verificar se esse fonema era peculiar ao tupi antigo, ou se, em outras línguas da mesma família, também o possuíam ou se ainda o possuem.

Perlustrando as duas partes da **ARTE DE LA LENGUA GUARANI, O MÁS BIEN TUPI** do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, 2.^a ed. 1876, baseada na 1.^a ed. (TESORO, 1639, e ARTE e VOCABULARIO, 1640)¹⁴ evidencia-se que os missionários de língua espanhola procederam da mesma maneira. Assim é que nessas obras se nos deparam exemplares destarte grafados: *guaçú*, *açocé*, *çuçu*, *teçá*, *cibé*, etc. Igual procedimento tiveram os autores de catecismos, os jesuítas Gaspar de Astete, M. G. de Ripalda, Simón Bandini, Francisco Pomeij, e outros, anônimos, que escreveram em guarani antigo¹⁵ *quaraci*, *yacitata-guaçú*, *oipiçi*, *açé*, *ndeçi*, etc.

Por que o mesmo recurso gráfico no guarani por escritores de língua espanhola? Porque no espanhol de outrora, como no da atualidade, existia o mesmo fonema, representado por *c*, *ç*, *z*. "La lengua antigua, diz M. Pidal, distinguía la *ç* sorda de la *z* sonora, cuya pronunciación tuvo que ser originariamente africada o sea una oclusión seguida de una fricativa, que podían representarse por..., cuasi *ts*, para la *ç*..." "A comienzos del siglo XVI ya se generalizaba en muchas regiones de la Península la pronunciación interdental, simplemente fricativa...: *placa*, *hazer*. Ambos sonidos se confundieron a

¹² LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Estudos de philologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900. v. I, p. 34, 35.

¹³ LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Esquissé d'une dialectologie portugaise*. Paris, 1901. p. 114.

¹⁴ Nueva ed. Viena, Faes y Frick, 1876.

¹⁵ Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n. 155, 167, 180, 200, 212, 213; Etnografia e tupi-guarani 24, 27. 29-32. 1952-56. 6 v.

partir del siglo XVII en un solo sordo, perdiéndose el sonoro. Por más que la ortografía moderna distinga la *c* y la *z*, las distingue sólo para usar una ante *i*, *e*, y otra ante *a*, *o* *u*, sin atender a la ortografía antigua etimológica; así que en algunos casos, como sucede en las dos palabras mencionadas, se escriben hoy precisamente al revés de como antes se escribían y pronunciaban: **plaza, hacer**. Ambas consonantes se pronuncian iguales, con *z* actual siempre sorda, que acaso es igual a la *ç* del siglo XVI".¹⁶ Assim é que, p. ex., Monteza grafa **plaça, hazer, braço, açúcar**, etc.

Mas por que Jean de Léry (1578) representou com *s*, *ss* tais vocábulos: **ouassu**, "grande", **si**, "mãe", **assi**, "dor", **ussuh**, "sêde", **pussem pé**, "unha do pé", etc.?¹⁷ Por que Claude d'Abbeville (séc. 17) também grafou com *s*, *ss* **Camousi**, "Camocim", **ouassu**, "grande", **Souassou**, "nome de um índio", etc.? (18)

Não é difícil explicar o fato; na língua francesa, já no século 13, o som *ts*, proveniente de *c* + *e*, *i* latino, reduziu-se a *s* grafado *c*: **cerf**, **cité**, etc.¹⁹, e, em consequência, veio a concorrer com *s*— *e* —*ss*—: **sept**, **masse**, etc.

Aqueles franceses, e outros, não perceberam o som *ts*, o qual era, para eles, o mesmo *s* do francês de então, ou se o perceberam, reproduziram-no com o mais aproximado.

Alguns idiomas atuais da família (ou tronco) tupi-guarani conservam ainda esse fonema, comprovando a existência do mesmo no tupi antigo. P. ex., no cocama: **tsú**, "carne" (tp. *çóó*), **yutsara**, "comichão" (tp. *iuçara*), **tayatsú**, "porco" (tp. *taiaçú*), **tsúpia**, "ovo" (tp. *çupiá*), **pitsapé**, "unha do pé" (tp. *pyçapê*), **mutsa-**, "três" (tp. *moça-*), etc.²⁰

Em cocamília, ao lado de **ts** (p. ex., **motsa-**, "três"), há a representação **th** do inglês **this**: **tháí**, "dente", etc.²¹

No nheengatu ou tupi amazônico, segundo a análise efetuada,

¹⁶ MENENDEZ PIDAL, R. *Manual de gramática histórica española*. 7. ed. Madrid. 1944. §35 bis, nota 2.

¹⁷ *História de uma viagem feita à terra do Brasil*. Trad. de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro, 1926. cap. 20; LEMOS BARBOSA, A. O diálogo de Léry. *Revista Filológica*, 4(16):306-22, mar. 1942.

¹⁸ *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo, Martins, 1945. 296 p.

¹⁹ BOURCIEZ, p. 302.

²⁰ WILLE, Norma Faust. *Vocabulario breve del idioma cocama (tupi)*. Separata de *Peru Indígena*, 8:18-9, 1959.

²¹ TESSMANN, Günter. *Die Indianer nordost-Perus*. Hamburgo, 1930. p. 66-83.

por Danielle Granier, Manita Porto e A.D. Rodrigues²² no disco 7, face 1, do vocabulário do Pe. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva²³, consta uma “fricativa plana interdental surda” (representada aqui por **th**): **thua'thu**, “veado” (tp. **guagú**).

No chiriguano de Machareti e no izozó do rio Parapiti²⁴ a consoante representada por **s** é igual a “**c** en español ante **i** (como en **cielo**)”, donde **dyásy** (chir. e iz), “**lua**” (tp. **iacy**), **yguásu** (chir.), “**rio grande**” (tp. **yguacú**), **kyse** (chir. e iz.), “**faca**” (tp. **kycé**), etc.

No guaraju, apanhado por Max Schmidt²⁵ o símbolo **s** é equivalente ao **c** espanhol em **cielo**: **cheresá**, “meu olho”, **dyasi**, “**lua**”, **mosapí**, “três”, etc.

Em um valiosíssimo estudo de fonologia comparada procedido por Wanda Hanke, Morris Swadesh e Aryon D. Rodrigues²⁶ foi constatada a existência no proto-tupi do fonema fricativo aqui representado por **ts**, deduzido destes idiomas: tupinambá, kawahib, também, aweti, pauserna, sirionó, mawé, mundurucu, xipaya, arikém, mondémayuru e mekéns (e somente conservado neste último): **atsu**, “grande”, **-atsi**, “mãe”, etc. E a eles junta-se **thap**, “casa”, **thoy**, “chuva”, **bothap**—, “panela”, da língua cinta-larga (coleta de Sarah Gudschinsky), e **dzab**, “casa”, **dzoid**, “chuva”, **bodzab**, “panela”, **dzaga**, “matar” (coleta de Harald Schultz) do idioma digüt²⁷

Em abono da representação **dz**, confira-se a coleta de Clive Sandberg²⁸, com **th**, surdo: **dath**, “cabelo”, **ta?thu**, “burro”, **ma?thun**, “tórax”, etc., do cinta-larga.

Em vista do exposto, conclui-se que a transcrição portuguesa do fonema tupi **ts** (ou **th**) por **c** (+ **e**, **i**), **c** (+ **a**, **o**, **u**) não foi arbitrária, e, se mais tarde, quando o fonema deixou de ser proferido africado, passando a **s**, então surgiu a grafia com **s**: **Sergipe**, **Iguassu**, (hoje **Iguacu**, restabelecida), **sabiá**²⁹, **sapucaia**, **Bossoroca** (mas como

22 Os fonemas do nheengatu, In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 6.

23 Diacoteca etnolíngüístico-musical. São Paulo, 1961.

24 SCHMIDT, Max. Los Chiriguanos e Izozós. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, v. 4 n. 3, 1938.

25 Los Guarayú. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, 3(6):176, 1936.

26 Nota de fonologia Mekéns. In: MISCELLANEA Paul Rivet. México, Universidad Nacional Autónoma, 1958. v. 2, p. 187-217. V. também HANKE, Wanda. Breves notas sobre os índios Mondé e o seu idioma. Dusenia, 1(4):215-28, 1950.

27 RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Classificação da língua dos Cinta-Larga. Revista de Antropologia, 14:27-30, 1966.

28 Cinta Larga. Relatório n. 1 do SIL, 17 abr. 1972.

29 Em todos os nossos sistemas ortográficos, convencionou-se não iniciar com **ç**, donde **sabiá**, **sapucaia**, etc., e assim também com os de outras origens que não tupi: **sapato** (port. arc. **çapato**), **sujo** (port. arc. **çujo**), **sanefa** (arc. **çanefa**).

substantivo comum **boçoroca, voçoroca**), **Jussara** (mas **juçara**), **Urus-sanga, Pirassununga, Imbassaí, Tupássi** (PR, cp. **Tupanci, RS**), e mais exemplos poderiam ser aduzidos.

E assim se justifica o restabelecimento, nos últimos sistemas ortográficos do Brasil, do **c** (+ **e, i**), **ç** (+ **a, o, u**) nos vocábulos de origem tupíntica, embora haja exceções.

S U M Á R I O :

O estudo explica por que o fonema (**s** de vocábulos tupis introduzidos no léxico português não é transscrito com **s** (ou **ss**), mas com **c** (+ **e, i**) e **ç**. O fato se baseia na existência do fonema africano /ts/, no século 16, tanto no tupi quanto no português, neste representado pelas grafias **c** (+ **e, i**) e **ç**.

Os primeiros autores portugueses que elaboraram gramáticas, dicionários, etc., da língua tupi, são uniformes nessa representação gráfica. Igual transcrição foi feita em espanhol pelo Pe. Montoya com relação ao guarani (século 17).

A existência ainda hoje de /ts/ ou de /dz/ em várias línguas da família tupi confirma a asserção, e conclui-se, portanto, que a grafia **c, ç** em palavras tupis no português não é arbitrária.

E, por fim, o Autor do estudo explica também por que há exceções.

S U M M A R Y :

The study above explains why the /s/ phoneme from the Tupi words introduced in the Portuguese lexicon is not transcribed into **s** (or **ss**), but into **c** (+ **e, i**) and **ç**. This is due to the existence of the affricate phoneme /ts/ in the sixteenth century both in Tupi and Portuguese, the latter represented by the spelling **ç** (+ **e, i**) and **ç**.

The first Portuguese authors who elaborated the Tupi language grammars, dictionaries, etc. use the same spelling form.

Similar transcription was elaborated in Spanish by Fr. Montoya related to Guarani (17 th century).

Up to now, the existence of /t/s or /dz/ in several languages belonging to the Tupi family confirms the assertion; therefore, we come to the conclusion that the spelling **e, ç** in Tupi words in Portuguese is not arbitrary.

At the end, the Author also explains why there are some exceptions.

- 1 ABBEVILLE, Claude. História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. São Paulo, Martins 1945. 296 p.
- 2 ANCHIETA, José. Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Ed. facsimilar. São Paulo, Ed. Anchieta, 1946. 58 f.
- 3 ARAUJO, Antonio. Catecismo na língua brasílica. Reprod. facsimilar da 1. ed. 1618. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1952. 179 f.
- 4 AYROSA, Plínio. O Caderno da língua ou Vocabulário portuguez-tupi de Frei João de Arronches, 1739; notas e comentários à margem de um manuscrito do séc. XVIII. Revista do Museu Paulista, 21:49-322, 1937.
- 5 _____. Diccionario portugués-brasiliiano e brasiliiano-portuguez. Revista do Museu Paulista, 18:17-322, 1934.
- 6 _____. Vocabulário português-brasílico; mss. do séc. XVIII. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n. 137. Etnografia e tupi-guarani 21, 1951. 113 p.
- 7 BARBOSA, A. Lamos. O Auto de São Lourenço; uma peça teatral de Anchieta em tupi, castelhano e português. Verbum, 7(2):201-47, jun. 1940.
- 8 _____. O diálogo de Léry. Revista Filológica, 4(16):306-22, mar. 1942.
- 9 BOURCIEZ, E. Éléments de linguistique romane. Paris, Klinek sieck, 1956. 788 p.
- 10 CATECISMOS vários. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n. 157 167, 180, 200, 212, 213. Etnografia e tupi-guarani 24, 27, 29-32, 1952-56. 6 v.
- 11 FIGUEIRA, Luís. Gramática da língua do Brasil. Facsímile da ed. 1687. Lípia, J. Platzmann. 1978.
- 12 GONÇALVES VIANA, A.R. Revista Lusitana n.2, p. 332-8.
- 13 GRANIER, Danielle et alii. Os fonemas do nheengatu. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 6.
- 14 HANKE, W. Breves notas sobre os indios Mondé e o seu idioma. Dusenio, 1(4):215-81, 1950.
- 15 _____. et alii. Notas de fonologia Mekens. In: MISCELLANEA Paul Rivet. México, Universidad Nacional Autónoma, 1958, v. 2, p. 187-217.
- 16 HUBER, J. Altportugiesisches Elementarbuch.
- 17 LEITE, Serafim. Leonardo do Vale, autor do primeiro "Vocabulário na língua brasílica. Verbum, v. 1 n. 1, 1944.
- 18 LEITE DE VASCONCELLOS, J. Esquisse d'une dialectologie portugaise. Paris, 1901.
- 19 _____. Estudos de philologia mirandesa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900. v. 1.
- 20 LÉRY, Jean de. História de uma viagem feita à terra do Brasil. Trad. Monteiro Lobato Rio de Janeiro, 1926.
- 21 MARTINS, M.L.P. Poesias tupis (séc. XVI). Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n. 51, 1945.
- 22 MENENDEZ-PIDAL, R. Manual de gramática histórica española. 7. ed. Madrid, 1944.
- 23 OLIVEIRA, Fernão. Gramática da língua portuguesa. 3. ed. org. José Pedro Maceado. 1957.
- 24 RODRIGUES, A. Dall'Igna. Classificação da língua dos Cinta-Larga. Revista de Antropologia, 14:27-80, 1966.
- 25 RUIZ DE MONTOYA, A. Arte de la lengua guarani ó mas bien tupi. Nueva ed. Viena, Faesy y Frick, 1876. p. irr.
- 26 SCHMIDT, Max. Los chiriguanos e Izozós. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, v. 4, n. 3 1938.
- 27 _____. Los Guarayú. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, v. 3 n. 6, 1936.
- 28 SILVA, A.B.A. Discoteca etnolíngüística-musical. São Paulo, 1961.
- 29 TESSMANN, Günter. Die Indianer nordost-Perus. Hamburgo, 1930.
- 30 VASCONCELLOS, C. Michaelis. Lições de filologia portuguesa. Lisboa, Revista de Portugal, 1956. 437 p.
- 31 VOCABULÁRIO na língua brasílica. 2. ed. rev. por Carlos Drumond. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP n. 137. Etnografia e tupi-guarani 21, 1951. 113 p.
- 32 WILLE, N.F. Vocabulário breve del idioma cocama (tupi). Separata de Peru Indígena n. 8, 1959.